

Leitura e literatura infanto-juvenil: reflexões sobre a formação do leitor a partir da obra *Beatriz em trânsito*, de Eloí Elisabete Bocheco

Fabiano Tadeu Grazioli
UPF

Palavras iniciais

A obra *Beatriz em trânsito*, de Eloí Elisabete Bocheco, foi a vencedora do 3º Prêmio Casa de Cultura Mario Quintana, de 2005, e, então, publicada pela Editora Nova Prata. Alguns especialistas já apontaram diversas qualidades literárias da referida narrativa infanto-juvenil, contudo, eles têm deixado de observar que o livro leva o leitor a se envolver com o tema leitura, mostrando uma maneira vivaz de se relacionar com os livros, enredos e personagens do mundo da literatura.

Encontramos, na obra, informações importantes no que tange à leitura e à formação do leitor. Nessa comunicação, apresentamos algumas reflexões sobre a configuração dos referidos temas na obra em questão, publicada novamente em 2007, pela Editora Dimensão. Tomando como referência o segundo capítulo, intitulado *Conversas com Guiomar*, buscamos observar como a família e a escola contribuem para a formação da leitora Beatriz e quais as ações relevantes em relação à mediação de leitura propostas nesses dois espaços. Ao apresentarmos como essas questões são abordadas, propomos um diálogo entre tais contextos e ações e algumas considerações teóricas propostas por Ezequiel Teodoro da Silva, Marta Moraes da Costa, Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing, dentre outros.

Algumas palavras sobre a obra

Segundo Dirce Waltrick do Amarante (2006), *Beatriz em trânsito* é uma ilustração do que se entende, hoje, por um bom livro infanto-juvenil. Para a professora, a obra está de acordo com os princípios estabelecidos por Cecília Meireles, de que o livro literário infantil deve conduzir o leitor para outros horizontes, sem formalismo de aprendizagem, gratuitamente, pelo prazer do passeio.

Sobressai, na obra de Bochecho, uma linguagem coloquial, o que não coloca em dúvida as qualidades da narrativa, apontadas por Lauro Junkes (2007), que salienta que, em diversas partes do livro, projetam-se apreciável variação estilística, em formas poéticas e prosaicas, rimas e aforismos, variações gráficas que ressaltam os atrativos da leitura. O mesmo autor destaca a intertextualidade presente na narrativa: “A autora faz perpassar por todo o texto, com naturalidade, uma rica e elevada rede de intertextualidade, valorizando autores nacionais e internacionais” (JUNKES, 2007, p. 1).

Em *Beatriz em trânsito*, Beatriz, narradora protagonista apontada por Amarante (2006) como protótipo da menina contemporânea, ainda bebê, perdeu a mãe em circunstâncias trágicas. Desde então, mora com a avó e os tios, os quais mudam com frequência de lugar. Na história, acompanhamos a menina da terceira até a quinta série. Na metade da terceira série, a família vai para Santo Antônio dos Campos, uma pequena vila, onde conhece a professora Guiomar, que será sua professora na quarta série. Na escola, encontra Samuel, um menino paraplégico e grande leitor, que se torna o amigo predileto da menina. Samuel vai para São Paulo fazer uma cirurgia e, durante esse período, os dois trocam *e-mails* em que falam de suas leituras, dos livros preferidos e de suas vidas.

Samuel falece, vítima de atropelamento no trânsito. Beatriz enfrenta a perda do amigo, além da mudança de escola. Na nova escola, a menina não se adapta, devido à violência e à ausência de afeto, ao qual estava acostumada na escola do vilarejo. Muda-se para uma escola pública e faz amizade com Mariana, com quem compartilha o que aprendeu sobre a cultura da vila, os costumes, as histórias orais, os lugares mágicos. Mariana sofre o assédio do padrasto pedófilo e Beatriz, com a ajuda da família, liberta Mariana do peso dessa violência. A nova escola tem oficinas de criação e um clima parecido com o da escola de Santo Antônio. Beatriz inscreve-se em teatro e, durante os ensaios de uma peça de Maria Clara Machado, encontra Leo, com quem vai contracenar. Leo reaviva em Beatriz as lembranças e saudades do amigo Samuel que partiu.

Beatriz em trânsito é composta de treze capítulos titulados e não numerados. Enriquecem o texto as ilustrações do pernambucano João Lins. Eloí Elisabete Bochecho tem diversas obras para o público infanto-juvenil,

muitas delas premiadas, e é uma das responsáveis pela pauta do jornal de literatura infanto-juvenil *O Balainho*, publicado pela UNOESC de Joaçaba - SC.

A professora que fala com jeito de era uma vez

Assim que chega a Santo Antônio dos Campos, Beatriz encanta-se com a professora da quarta série, Guiomar, e expressa a monotonia de sua sala de aula em oposição à sala dirigida por Guiomar: “Nunca pensei que eu ia sentir tanta pressa de chegar o outro ano, pra ir pra quarta. Por causa da Guiomar. (...) Sempre arrumo um jeito de ir na classe dela, no final das aulas. Ela fala com jeito de era uma vez...” (BOCHECO, 2007, p. 9). Guiomar representa na narrativa a mediadora de leitura que, com ações simples, no dia-a-dia de sua sala de aula, em uma escola sem recursos, desperta e motiva seus alunos para o mundo da palavra escrita e da leitura:

Quando entro na sala, o meu olho vai direto pro armário bege perto da janela. É nele que a Guiomar guarda os livros que vejo os alunos dela lendo com caras de contentes. Na minha sala não tem armário bege, nem verde, nem amarelo, nem armário nenhum cheio de livros. Ela viu o meu olho grudado no armário e perguntou:

- Você queria levar um livro daqueles pra ler em casa?
- Queria.
- Então vem cá, e escolhe um do teu agrado. O que você gosta de ler?
- Gosto de um que tenha coisa pra rir e pra suspirar.
- Ah, sei... (BOCHECO, 2007, p. 10-11).

A escola que Beatriz frequenta não tem biblioteca, nem bibliotecário, conforme lamenta a professora Guiomar: “Bom mesmo era ter uma biblioteca, mas enquanto ela não vem, vamos indo de armário mesmo” (BOCHECO, 2007, p. 16). Segundo Silva, essas faltas constituem uma “deficiência encravada”, as quais são reproduzidas historicamente nos espaços escolares:

Ausência de bibliotecas e bibliotecários, falta de abastecimento regular de livros, inexistência de salas apropriadas para a prática de leitura com diferentes propósitos são necessidades mais do que evidenciadas no âmbito das escolas públicas deste país. Acredito que ainda existe um longo caminho a ser trilhado até que se chegue às condições ideais nesta área tão devastada (SILVA, 2003b, p. 40).

A escola de Beatriz faz parte dessa realidade, contudo, nem por isso não há livros, leitura, interação e contato entre os alunos e os textos. O armário bege, solução encontrada pela professora Guiomar, fascina e desperta o desejo da leitura e do livro nos alunos e em especial em Beatriz, que comenta com Guiomar: “Todo mundo fica de olho comprido pra tua turma quando eles estão com o livro na mão” (BOCHECO, 2007, p. 16). A utilização do armário é sistemática, obedece a um ritual, no qual Guiomar, no início da aula, separa os livros literários que vai oferecer aos seus alunos e, no final, os coloca de volta no armário. Mesmo sendo uma solução precária, haja vista que muitas escolas possuem biblioteca, amplos acervos e salas com acomodações específicas para a leitura, o armário recheado de livros representa para a turma de alunos a biblioteca que, mesmo improvisada, cumpre a função apontada por Costa (2006), pois preserva as vozes com as quais o pensamento e o saber dos alunos conversam interminavelmente. Representa a comunidade que dá suporte e identidade cultural aos pequenos leitores da turma, que dividem com ela saberes e somam descobertas diárias.

A solução encontrada por Guiomar reafirma as palavras de Silva (2003a), para quem o professor é o elemento mais importante para o sucesso da leitura na escola, pois, mesmo com carências materiais (de livros, de espaços adequados), ele saberá o que fazer, a fim de produzir situações significativas de leitura, pois o seu conhecimento é o leme fundamental a dar o direcionamento às atividades. Esse mesmo autor, respondendo à pergunta de uma professora que indagava sobre a maneira mais adequada de se incentivar a leitura na prática docente, assim se pronuncia: “Ser, como professor e profissional, um testemunho vivo da força da leitura para a melhoria da nossa existência” (SILVA, 2003a, p. 33). É essa postura que percebemos em Guiomar: por meio de suas atitudes e dos diálogos com a protagonista, mostra-se uma professora-leitora, conhecedora dos livros que oferece às crianças em seu armário e dos significados que os mesmos podem suscitar no processo de leitura.

Mas Guiomar não se apresenta como professora exemplar somente quando a tônica de suas aulas é a leitura. Além de falar com “jeito de era uma vez”, há outras qualidades da professora que encantam Beatriz:

A Guiomar é uma grande misturadora de aula e de vida. Quando as aulas são só de decorar e fazer exercícios, a gente fica do lado de fora, olhando a aula passar e contando os minutos para acabar ligeiro. Em aulas que são mais de pensar e viver, como as de Guiomar, a gente entra na aula e aí o tempo voa, porque a gente se mistura com aquilo que tá aprendendo e aquilo que tá sendo aprendido se mistura com a vida da gente (BOCHECO, 2007, p. 33).

A marca que Guiomar deixa na vida da menina é tão evidente, que quando ela troca de escola, a fim de estudar na cidade e cursar a quinta série, Beatriz conta: “Eu entrava na escola e o meu coração não queria entrar, só queria ficar pra fora dos portões. E fazia mais: voltava lá pra classe da Guiomar, se enfiava embaixo da mesa dela e ficava ouvindo ela ler as histórias” (BOCHECO, 2007, p. 57). Guiomar, na sua condição de professora-leitora, cultiva alunos-leitores, e é assim que os prepara para o futuro, para as mais diversas e adversas situações que a vida lhes imporá.

Uma família de leitores

Nas conversas entre Beatriz e Guiomar sobre livros e histórias, ficamos conhecendo a família de Beatriz e a relação que seus familiares estabelecem com os livros e, portanto, com a leitura:

- Na tua casa gostam de ler? [...]
- Hum, se gostam! São agarrados em livros que nossa! Meus tios é mais com livros e revistas sobre agricultura porque eles cultivam plantas sem botar veneno e vivem querendo saber mais sobre isso.
- Orgânicas.
- É, isso aí. Então vivem lendo pra saber mais sobre esse negócio de orgânicas, como produzir mais, essas coisas. Às vezes lêem outros livros também.
- Anã..
- Tipo um livro que a namorada de meu tio Pedro deu pra ele ler e disse: Pedro, você precisa ler este livro, e botou na mão dele, chama-se *As Mulheres que correm com os lobos* o tal livro (BOCHECO, 2007, p. 11).

Beatriz convive com uma família de leitores e, como percebemos no fragmento, em sua casa circulam diferentes tipos de textos, isso porque os gostos e interesses dos seus familiares são distintos; isso está de acordo com Silva (2003a), que afirma que cada leitor tem os seus costumes, seus hábitos

de interação com a palavra escrita. Silva ainda salienta: “Se o leitor estiver lendo revistas, jornais, navegando pela internet (...) ele está muito bem abastecido de textos em sua vida. (...) Um leitor se faz de diferentes procedimentos de leitura” (SILVA, 2003a, p. 99). Assim, os hábitos e costumes de cada leitor são singulares, e seus interesses, também singulares, vão determinar o tipo de texto a ser lido, o que leva diferentes leitores a transitarem por diferentes tipos de textos e diferentes suportes.

A avó de Beatriz também desempenha um papel importante na formação da jovem leitora: apresenta-se como a mediadora de leitura que age no espaço familiar. Além de contar histórias para a neta, a avó conserva um livro chamado *Histórias da minha mãe contadas pela filha*, assim definido pela protagonista: “Não é um livro de comprar, não, é livro só de ler mesmo. É um livro escrito todo à mão, com canetas daquelas antigas, que eram de pena de pato e iam molhando num pote de tinta” (BOCHECO, 2007, p. 17). É desse livro que a avó retira algumas das histórias que conta à Beatriz. Trata-se do registro das histórias contadas pelas mulheres da família, conforme a menina responde à professora Guiomar, que indaga sobre a autoria do livro:

- E quem escreveu essa relíquia?
- Foi a mãe da minha vó, que vem a ser a minha bisavó, que copiou com letra caprichada as histórias que ouviu da mãe dela, que já vem a ser a minha tataravó, que não sei de quem ela ouviu, mas decerto da mãe dela, que vem a ser a minha tetravó, que ouviu... (BOCHECO, 2007, p. 17).

Histórias, leitura e memória fazem parte do ambiente familiar no qual Beatriz cresceu. A avó, com a assiduidade com que utiliza os livros, em especial o livro de histórias da família, é responsável pela imersão de Beatriz na leitura e na literatura, e estabelece, no ambiente familiar, momentos de contação de história; esses momentos, segundo Costa (2006), promovem o encontro pessoal entre dois sujeitos históricos: o contador e seu ouvinte. Para a autora, estar frente a frente, olho no olho, resulta num diálogo mais afetivo e, paradoxalmente, numa experiência humana ancestral, renovada a cada momento de uma boa contação de histórias.

As ações da avó de Beatriz promovem o contato intergeracional e familiar por meio da leitura, o que nos remete às palavras de Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing e Ana Carolina Martins da Silva :

O partilhar do ato de ler entre diferentes gerações [...], envolve tal ação de enorme prazer, constituindo-se em momentos inesquecíveis para os pequenos leitores. Este processo intergeracional provoca a curiosidade pelo resgate de histórias e experiências pitorescas próprias do ser humano (RÖSING & SILVA, 2001, p. 23).

Beatriz, uma vez introduzida no mundo da literatura, é cercada de cuidados pela sua família, que preserva tempo e espaço para as leituras da menina: “Se tô com livro, ela não insiste pra eu entregar chapéu, nem bolsa, nem porta-retrato, nem de fibra, nem de linha, nem de vime. Como coisa que ela não quisesse me separar de livro por nada deste mundo” (BOCHECO, 2007, p.12).

Palavras finais

Em *Beatriz em trânsito*, família e escola cumprem suas funções na formação da leitora Beatriz. As atitudes dos mediadores de leitura nesses dois espaços são simples, contudo, eficientes. Se a protagonista dispõe do dom de ver a vida e os acontecimentos através de um olhar sadio, criador, que se renova positivamente, que logra “fazer de conta” e transfigurar a rotina em constantes deslumbramentos, conforme afirma Junkes (2007), é porque ela é preparada e influenciada pela leitura oferecida a ela na família e na escola. Fica, para nós, claro que os atos, pensamentos e atitude de Beatriz estão relacionados a sua trajetória de leitura, o que dá coerência à construção da personagem, um ponto garantido para a autora.

Beatriz também figura na história como leitora crítica, capaz de relacionar textos literários à vida e vice-versa. Dentre tantos elementos que contribuem para a formação de sua capacidade crítica, podemos destacar que o ato de ler bem orientado pelos mediadores propicia ao leitor em formação, conforme destaca Rösing (2001), um processo de apropriação de diferentes tipos de texto, com características específicas, com objetivos determinados, com estilos diferenciados. Assim, Beatriz interage não somente com os textos

literários, mas com os diversos textos com que entra em contato: lê e escreve *e-mails*, lê e estuda textos informativos, conhece fatos passados lendo um diário, o que favorece a ampliação de sua capacidade crítica e de sua compreensão do mundo.

Não cabe a Beatriz, em nenhum momento, a representação do leitor passivo, ou aquele leitor “cristalizado”, que se tranca em uma redoma de vidro ao entrar em contato com a literatura. Beatriz figura na obra como a leitora que pensa, relaciona textos às diversas situações de sua curta vida (lembre-se, ela é uma pré-adolescente). Beatriz é a leitora que as ações que presenciamos no campo da leitura e da formação do leitor buscam delinear: ativa, pensante, participativa, trabalhada subjetivamente, esclarecida sobre a função dos livros, da leitura e da literatura.

Por fim, cabe-nos responder às seguintes perguntas: Em que a obra em questão se particulariza? Qual é a importância de o leitor entrar em contato com essa obra? Os elementos sobre leitura presentes no livro e aqui evocados particularizam a trajetória de Beatriz, sua intensa relação com a leitura a diferencia das outras protagonistas; daí vem a importância do jovem leitor conhecer, transitar e conviver com a menina pelos diferentes capítulos do livro.

Referências

AMARANTE, Dirce Waltrick. O prazer do texto infantil. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 ago. de 2006.

BOCHECO, Eloí Elizabete. *Beatriz em trânsito*. Belo Horizonte: Dimensão, 2007.

COSTA, Marta Morais da. Do livro à voz: o conto e o encontro. In: *Mapa do mundo: crônicas sobre leitura*. Belo Horizonte: Leitura, 2006.

JUNKES, Lauro. Tempo de mudança. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 jun. 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura*. Campinas: Autores Associados, 2003a.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em curso*. Campinas: Autores Associados, 2003b.

RÖSING, Tânia (Org.). *Práticas leitoras para uma Cibercivilização III*. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

RÖSING, Tânia; SILVA & Ana Carolina Martins da. *Práticas leitoras para uma Cibercivilização II*. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.